

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Culturas em contato e a tradução resignificadora do mito do Sumé<sup>1</sup>

Thiago Leandro Vieira Cavalcante\*

**Resumo:** Neste trabalho analiso as apropriações e representações do mito indígena *Sumé* por parte dos colonizadores da América. Ao chegar os europeus se depararam com culturas bastante diferentes das suas. Os “índios” ao receberem os conquistadores também se viram diante do *outro* desconhecido. A partir dos primeiros contatos iniciaram-se as traduções culturais, que se realizaram em processo de mão dupla. Em meio a esse processo o possível “civilizador” indígena *Sumé* foi resignificando em *São Tomé* e apropriado pelos europeus, religiosos ou laicos, de formas diferentes, adquirindo significados bem distintos daqueles originais da cultura indígena, de acordo com a temporalidade em que isso aconteceu.

**Palavras Chave:** Mito – São Tomé – Índios

**Abstract:** In this paper I analyse the appropriations of representations of the indian myth *Sumé* with the colonizers of America. When they arrived, the europeans came across with a different culture. The indians saw strangers in front of them. After the first contact it was begun a cultural translation between the indians and colonizers. Among this process, the possible indian civilizador "Sumé" was resigned in Saint Thomas and denominate for the europeans, religious people and others in different ways, turning into other meaning that is the opposite of the original indian culture, according to the time that it happened.

**Keywords:** Mith - Saint Thomas - Indians

Desde os primeiros anos de contatos entre índios e europeus na América, através de algumas fontes verifica-se a presença do mito do *São Tomé*. De acordo com este mito um apóstolo de Jesus Cristo teria feito uma passagem pela América e evangelizado os povos nativos. As referências a respeito dessa passagem são encontradas desde de o México até a América do Sul, sendo que na América do Sul é que se tem a maior incidência.

A fonte mais antiga que se encontrou até o momento que faz referência ao mito do *São Tomé* é a “*Nova Gazeta da Terra do Brasil*” (BRANDEBURGUER, 1922). Trata-se de um panfleto de caráter ufânico publicado originalmente em alemão e divulgado na Europa.

<sup>1</sup> Este texto esboça de modo muito superficial algumas idéias da dissertação de mestrado que venho desenvolvendo na UFGD, cuja conclusão está prevista para o primeiro semestre de 2008.

\* Mestrando em História pela Universidade Federal da Grande Dourados e professor da rede pública em Dourados – MS.

Ele pretendia estimular os europeus a estabelecerem negócios na região do rio da Prata. Dá informações sobre uma viagem portuguesa ao rio da Prata, sobre características da “*Terra Brasil*” e uma descrição da população indígena, assinalando inclusive sua ligação com povos andinos.

Trata-se de um documento controverso e já bastante analisado pelos historiadores em diferentes momentos. Segundo Klaus Hilbert (2000) os principais motivos de tal controvérsia estão na ausência dos nomes dos comandantes, na ausência de datas e na ausência de referências geográficas precisas, esses pontos foram debatidos por diversos autores como F. A. Varhhagen, F. Wieser, J. Schüller, K. Haebler, C. Brandenburger e F. M. E. Pereira que variaram entre a total refutação e a total aceitação de seu valor histórico. Através de um longo trabalho investigativo e comparativo fixou-se que o documento não deve ser anterior a 1511 e nem posterior a 1515<sup>2</sup>.

Uma coisa importante a se enfatizar é que o texto da “*Gazeta*” não menciona em momento algum a existência de um mito indígena chamado de Sumé ou similar.

*“Elles tem tambem recordação de São Thomé. Quizeram mostrar aos Portugueses as pegadas de São Thomé no interior do paiz. Indicam também que tem cruces pela terra a dentro, E quando falam de São Thomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas havia outro Deus maior. É bem crível que tenham tenham lembrança de São Thomé...”* (BRANDEBURGUER, 1922: 37-38).

Em ordem cronológica o próximo documento que indica uma suposta lembrança de São Tomé entre os índios é uma carta do franciscano Bernardo Armenta, para o ouvidor do conselho das Índias Juan Bernal Diaz de Luco, datada de 1538. Está carta também não faz referência a nenhum mito indígena. O autor fala diretamente sobre a lembrança que os índios da região entre a Ilha de Santa Catarina e Assunção teriam a respeito de São Tomé.

*“... otra mayor maravilla, y es que habrá cuatro años un indio, que em más de doscientas lenguas habló por espíriu de profecía, diciendo que vendrían presto verdaderos cristianos, hermanos de Santo Tomé, a los baptizar. Y mandaba que no hiciesen mal a algún Cristiano, mas que les hiciesen mucho bien. Y tanto era el bien que hacían, que de los hombres que escaparon huyendo del desbarato del Río de la Plata, supe que le barrían el camino por do pasasen, y caminando, los mandaban poner debajo de un árbol, hechas enramadas a do descansasen, y les ofrecían muchas cosas de comer y muchos plumajes, y se tenían por bienaventurados los indios que los tenían en sus buhíos o chozas. Y llamábase este indio Etiguara, el cual ordenó muchos cantares que ahora los indios cantan, en que hallo manda que se guarden los mandamientos de Dios...”* (ARMENTA, 1538. In. ESTRAGÓ, 1992: 155-156).

Essas são as duas únicas fontes que se referem a São Tomé que encontrei com datação anterior à chegada dos Jesuítas ao Brasil que ocorre em 1549. A partir da chegada dos

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre essa fonte e as discussões sobre ela ver (HILBERT, 2000). Constando inclusive bibliografia sobre a referida discussão.

jesuítas o mito é alimentado e apropriado primeiramente pelos jesuítas e depois por outros que, cada qual em seu momento e de acordo com seus interesses dá um novo significado ao mito. Isso acontece, pois como disse Roger Chartier as apropriações e, portanto, as conseqüentes representações são “... *determinadas pelos interesses de grupo que às forjam. Daí o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.*” (CHARTIER, 1990: 17).

A hipótese de que os jesuítas trouxeram em seu imaginário a lembrança de São Tomé como evangelizador da Índia Oriental<sup>3</sup> é muito provável e também de seus principais feitos que posteriormente seriam reproduzidos no Brasil e encontrados pelos missionários com a ajuda dos indígenas. O padre Nóbrega é que se tornou o maior difusor do mito do São Tomé na América. Suas cartas de 1549 levaram o conhecimento do mito a boa parte do mundo, haja vista que as cartas jesuíticas de edificação tinham circulação ampla e foram inclusive publicadas em duas edições ainda no século XVI, uma em 1551 e outra em 1555. (HUE, 2006).

Também é Nóbrega o primeiro a citar a existência de um mito indígena com nome foneticamente próximo a Tomé. “... *Dizen ellos que Sancto Thomás, a quien llaman Zomé, passou por aquí...*” (NÓBREGA, In. LEITE, 1954: 153). A partir daí outras fontes reproduzem a mesma idéia de que os índios se lembravam do santo, mas sempre conhecido por um outro nome foneticamente próximo a Tomé. Em Montoya seria, por exemplo, *Pay Zumé, Pay Tumé* (MONTROYA, 1985, p.95), para Simão de Vasconcelos *Sumé* (VASCONCELOS, 1977, Vol. 1: 83).

Através das pesquisas que realizei até o momento não foi possível ter certeza absoluta a respeito da origem do mito do Sumé ser ou não de fato indígena. Entretanto tendo a concordar com outros autores no sentido de que é muito provável a existência de alguma crença ou mito indígena que em algum momento teria sido resignificado.

Sergio Buarque de Holanda, por exemplo, baseado na grande quantidade de referências encontradas nos cronistas, destaca que é digna de crédito a idéia de que os índios americanos não eram alheios à existência de pegadas ou mesmo marcas parecidas com pegadas, pois “... *aos europeus recém-vindos tratavam logo os naturais de mostrar essas impressões, encontradas em várias partes da costa...*” (HOLANDA, 1996: 111).

Mais adiante Holanda volta a especular fazendo a seguinte afirmação:

---

<sup>3</sup> Para se aprofundar nessa idéia ver o capítulo *Um mito luso-brasileiro* (HOLANDA, 1996: 108-129).

*“Parece de qualquer modo evidente que muitos pormenores dessa espécie de hagiografia do São Tomé Brasileiro se deveram sobretudo à colaboração dos missionários católicos, de modo que se incrustaram, afinal tradições cristãs em crenças originárias dos primitivos moradores da terra. Que a presença das pegadas nas pedras se tivesse associado, entre estes, e já antes do advento do homem branco, à passagem de algum herói civilizador, é admissível quando se tenha em conta a circunstância de semelhante associação de achar disseminada entre inúmeras populações primitivas, em todos os lugares do mundo. E é de compreender-se, por outro lado, que entre missionários e catequistas essa tendência pudesse amparar o esforço de conversão do gentio à religião cristã”.* (Grifo meu), (HOLANDA, 1996: 113).

Como se vê nos trechos grifados Holanda deixa transparecer que acredita na existência de crenças anteriores e que essas crenças sofreram alguma ação que tratou de cristianizá-las. A cristianização deve ter ocorrido através da ligação dos mitos aqui encontrados com as crenças que os cristãos traziam a respeito da evangelização de São Tomé no Oriente. Cabe destacar que para o autor parece não haver um único mito, mas provavelmente vários que em locais diferentes receberam essa influência cristã e acabaram transformados em São Tomé para os cristãos.

Hernani Donato (1997) é outro autor que acredita na existência real de um Sumé na cultura indígena. Tanto ele quanto Holanda, também defendem que esse mito pode ter sido histórico ou avivado por um fato histórico cristão e por isso que os missionários teriam encontrado tantos traços que por analogia foram associados a São Tomé e ao cristianismo em geral. Para Holanda (1996: 127) esse fato histórico seria o trabalho do Frei Armenta, e para Donato (2001: 373) um grupo de monges escandinavos que deixaram seu bispado na Islândia em meados do século XII. Embora não possa concordar com nem um dos dois em suas hipóteses, concordo com a possibilidade da existência de um fato histórico criador ou avivador do mito do Sumé, sem concordar, no entanto com a determinação de datas e eventos específicos, pois pelo menos até o momento não encontrei vestígios que possibilitem isso. É possível que algum fato histórico anterior a 1500 possa ter ocorrido e deixado marcas entre algumas sociedades indígenas, sendo assim, o Sumé poderia ser histórico ou ter recebido elementos vindos de algum fato histórico, realizado por um religioso ou conquistador, antes que os movimentos de colonização estatais começassem. Hoje já se sabe que mesmo antes das datas oficialmente aceitas *estrangeiros* já tinham aportado pela América.

Em relação à questão temporal desses fatos, é importante destacar que em geral nas culturas indígenas o tempo é tratado de formas diversas e diferentes da concepção cristã ocidental. As realizações do mito do Sumé estão situadas no tempo mítico. Conforme Eliade (ELIADE, 1992: 44-45) destaca, o fato histórico pode ser transferido para o tempo mítico em

um curto período, sem prejudicar a operacionalização do mito na cosmologia das sociedades envolvidas.

Com o encontro entre indígenas e europeus e a possível existência de um mito indígena chamado de Sumé, logo, em um momento desconhecido e também com razões desconhecidas o mito foi apropriado pelos cristãos e resignificado em São Tomé. Isso ocorre num determinado período em que os processos de tradução cultural eram incipientes e a circulação cultural intensa e às vezes ocorria sem que ambas as partes se dessem conta disso<sup>4</sup>.

A partir da chegada dos jesuítas em 1549, esse mito começa a ter novas apropriações, que respondem aos anseios de cada período e de cada agente dessa apropriação. Em 1549, já não havia mais questionamento a respeito da humanidade dos índios. Todavia era de extrema importância e inclusão do índio na cosmologia cristã, pois como homens criados por Deus e descendentes de Adão e Eva, como poderiam ter ficado de fora da evangelização apostólica e, portanto do plano universal de salvação de Jesus Cristo?

Todas as cartas de Nóbrega são de 1549, do primeiro ano, portanto, das atividades jesuíticas no Brasil. São documentos nos quais o autor descreve o curioso e o maravilhoso daquilo que aqui encontrou, dentre todas as coisas da natureza ele também reservou um espaço para os índios. Pessoas as quais, quando aqui chegou já tinha por certo que eram humanos, mas não titubeou em argumentar na defesa tanto de sua humanidade, como também da presença de um protocristianismo, iniciado por São Tomé, que como Apóstolo do oriente, não deixou de cumprir seu papel. Afinal os índios apesar de pertencerem, às piores linhagens, eram homens e certamente estavam inclusos nos planos de universalizantes de Cristo.

Com isso poderia-se dizer que, se os índios não seguem os preceitos cristãos, a culpa não é de Cristo ou dos apóstolos, pois Tomé cumpriu o mandamento evangelizando até mesmo a mais longínqua porção de pessoas. A culpa pela decaída era dos próprios índios que por seus vícios e com a facilidade com que se aliavam ao demônio preferiam a vida longe de Deus, pueril e pecaminosa, desprezando o Santo e a sua pregação.

Será o dominicano Diego de Dúran aquele que explicitará de forma mais clara e evidente a apropriação de São Tomé como a ligação do índio à missão apostólica de pregação universal. Dúran conclui sua obra a respeito da história e religião Asteca em 1581. É possível que antes de escrever sua obra ele tenha tido conhecimento das cartas de Manuel da Nóbrega, que a essa altura já estavam publicadas, e falavam a respeito da presença do apóstolo Tomé no Brasil. Dúran se destacou como interprete da cultura Asteca, sua história não se limitou a uma

---

<sup>4</sup> Para maiores detalhes sobre essa questão recomendo *Religião como Tradução* (POMPA, 2003) e *Índios e Jesuítas no Guairá* (OLIVEIRA, 2003).

descrição externa das práticas religiosas indígenas. Mesmo que seu interesse fosse a destruição dessa religião pagã, ele sabia que era fundamental compreender essa cultura internamente ou do contrário, os padres continuariam a serem enganados pelo sincretismo que acontecia em suas vistas, mas que como eles não compreendiam, não podiam repreender. (TODOROV, 1996: 199-215).

*“Las açañas y maravillas de Topiltzin y de sus heroycos son tan celebrados entre los indios y tan mentados y cassi con apariencias de milagros, que no se que me atreva á afirmar ni escribir de ellos, sino que en todo me sujeto á la correccion de la iglesia catolica, porque aunque me quiera al sagrado evangelio que dice por San Marcos, que mandó Dios á sus sagrados apóstoles que fuesen por todo el mundo y predicassen el evangelio á toda criatura, prometiendo á los que creyessen y fuesen batiçados la vida eterna, no me ossare afirmar en que este baron fuese apóstol bendito, en pero gran fuerça me hace su bida y otras á pensar que, pues estas eran criaturas de Dios, recionales y capaces de la bien abenturança, que no las dejara sin predicador, y si lo hubo fue Topiltzin, al qual aportó á esta tierra, y según la relacion del se da era cantero que entallaba imagenes en piedra y las labraba curiosamente, lo qual lemos del glorioso Santo Tomas, ser Oficial de aquel arte, y tambien sabemos aver sido predicador de los indios y que escarmentado dellos pidió á xpo, quando le aparecio en aquella feria dande andaba, que le ynbiase donde fuese servido, ecepto á los yndios; y no me maravillo se excusasen los sagrados apostoles de benir entonces á tratar con gente tan desabrada y tan inconstante y torpe y tan tarda de juicio para creer las cossas de su salvacion...”* (DÚRAN, 2005, Tomo II: 74).

Ainda nos escritos do século XVI, encontramos a gestação da questão das profecias que previam a vinda dos jesuítas para a América. Nóbrega foi quem em primeiro lugar levantou essa hipótese e expôs a promessa de retorno que o santo teria feito “... *Dizem también que les prometió que avía de tornar outra vez a verlos...*” (NÓBREGA, In. LEITE, 1954: 154). No século XVII os jesuítas do Guairá assumiram esse trecho da carta de Nóbrega como o prenúncio de sua vinda, essa é umas das principais apropriações que ocorreram no século XVII.

O Padre Antonio Ruiz de Montoya, já no século XVII se apropriou do aspecto profético do Santo e assumiu para si e para a Companhia de Jesus a dignidade de sucessores do apóstolo que teriam sido profeticamente anunciados aos índios.

*“Estranhando nós um acolhimento tão fora do comum, disseram-nos que, por tradição antiqüíssima e recebida de seus antepassados, sustentavam que, quando São Tomé – a quem comumente chamam “Zumé” na Provincia do Paraguai e ‘Pay Tumé’ nas do Peru – fez a sua passagem por aquelas terras, disse-lhes estas palavras:*

*‘A doutrina que eu vos prego, perdê-la-eis com o tempo. Mas, quando depois de muitos tempos vierem uns sacerdotes sucessores meus, que trouxerem cruces como eu trago, ouvirão os vossos descendentes esta (mesma) doutrina`*  
*Obrigou-os essa tradição a dar-nos acolhida tão extraordinária. Fizemos ali uma povoação muito boa...”* SIC (MONTROYA, 1985: 86-87).

Em primeiro lugar é preciso lembrar que a obra “*Conquista Espiritual*” de Montoya (1985) foi escrita com o objetivo de sensibilizar a coroa espanhola sobre a necessidade de se permitir que os índios reduzidos pudessem utilizar armas de fogo para se defenderem dos ataques paulistas que àquela altura<sup>5</sup> já haviam liquidado a maioria das reduções e colocavam em perigo as que ainda resistiam. Portanto é cabível a classificação de ufanica para tal obra.

Diante dessa característica percebo, evidentemente, que esse não foi o único artifício utilizado com o objetivo de angariar prestígio para os missionários. Em muitos momentos o autor apresenta de forma propagandista as dificuldades enfrentadas por si próprio e por outros missionários, inclusive mártires, expõe também que a sua ida às missões no Guairá, bem como a de diversos missionários estava ligada diretamente a episódios de inspiração divina. Além disso, apresentava a missão dos jesuítas como sendo uma extensão da realmente importante missão da coroa espanhola, que era levar o cristianismo aos índios. No contexto propagandista da obra o fato da sucessão de um apóstolo de Cristo deve ter tido muito peso na corte espanhola, tanto que Montoya retornou de sua viagem com a autorização requerida, embora está não tenha conseguido impedir os paulistas de continuarem apresando índios e destruindo as reduções.

### Fontes impressas

ARMENTA, Frei Bernardo. Carta ao Dr. Juan Bernal Diaz de Luco. In. ESTRAGÓ, Margarita D. *San José de Caazapá* un modelo de reduccion franciscana. Asunción PY: Editorial Don Bosco, 1992. p. 155-157.

BRANDENBURGER, Clemente. (Tradução, glossário e comentário). *A Nova Gazeta da Terra do Brazil (New zeitung ausz presillandt)* 1515. São Paulo: Livro Edance [Impresso no Diário Alemão], 1922.

DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España y islas de Tierra Firme*. 2 Tomos (Ed. Facsímil) Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005

LEITE, Serafin. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. 3 Vol. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

---

<sup>5</sup> 1638/1639 – Nesse período as Reduções do Guairá já tinham sucumbido aos ataques bandeirantes, restavam apenas as do Tape.

MONTOYA, Pe. Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual: feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

VASCONCELOS, Simão de, *Crônica da Companhia de Jesus*. 3ª edição, 2 Vol. Petrópolis: Vozes, 1977.

### **Referências Bibliográficas.**

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa Difiel, 1990.

DONATO, Hernani. *Sumé e Peabiru: Mistérios Maiores do Século da descoberta*. São Paulo: Editora GRD, 1997

ELIADE, M. *O Mito do Eterno Retorno: Arquétipos e Repetição*. Trad. J. A. Ceschin. São Paulo: Mercúrio, 1992.

HILBERT, Klaus. A descoberta a partir da Nova gazeta da terra do Brasil.. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. Ed.Esp, n. 1, p. 39-56, 2000.

HOLANDA, Sergio. *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no descobrimento e Colonização do Brasil*. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HUE, Sheila. (Trad. Introd. e notas) *Primeiras Cartas do Brasil 1551-1555*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

OLIVEIRA, Oséias de. *Índios e Jesuítas no Guaira: a redução como espaço de reinterpretação cultural (séc. XVII)*. (Doutorado em História), Assis: UNESP, 2003.

POMPA, Cristina. *Religião como Tradução missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: EDUSC, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A Questão do Outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.